

SOBRE VIVÊNCIAS – AS TRABALHADORAS DO RÁDIO PELOTENSE

SILVANA DE ARAÚJO MOREIRA¹; LORENA ALMEIDA GILL²

¹Universidade Federal de Pelotas – sissamoreira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente comunicação tem como objetivo apresentar o projeto de doutorado intitulado “[...]e as mulheres vão abrindo espaço meio a fórceps, não é fácil, não foi fácil” - as vozes femininas nas ondas das rádios pelotenses. O projeto surgiu a partir das reflexões oriundas da pesquisa de mestrado intitulada “ZYD 579, 107,9 Mega Hertz - Rádio Federal FM” O protagonismo do radialista como sobrevivente das mídias (1980-2017). Durante a pesquisa realizada para compor o trabalho, foi analisado o quadro de trabalhadores e trabalhadoras que fizeram parte da história da Rádio Federal FM. Concluiu-se que, durante os seus 39 anos de história cerca de 20 homens trabalharam como radialistas da emissora. Em contrapartida, apenas quatro mulheres exerceram funções de radialista sendo que, atualmente, apenas uma delas segue na rádio.

Diante deste panorama, parecia importante incluir as histórias dessas mulheres na pesquisa de forma mais detalhada. Desta forma, foi observada a trajetória das mulheres que fizeram parte do cotidiano da emissora, através da metodologia de História Oral, tendo como base as construções de narrativas realizadas entre os meses de agosto de 2017 e outubro de 2018.

Sabe-se que a história das mulheres é marcada por preconceito e discriminação e que com muita luta e resistência, aos poucos, algumas conquistas foram surgindo, como a inserção em espaços que antes eram ocupados apenas por homens. Ainda assim, alguns ofícios e profissões seguem sendo, majoritariamente, atribuídos às mulheres. Em contrapartida, outras funções, geralmente de maior responsabilidade, acabam sendo realizadas em sua maioria por homens. Cabe lembrar que muitas mulheres necessitam administrar o seu tempo laboral com as atividades da casa e que ainda acabam recebendo menos que homens que desempenham a mesma função.

Desta forma, surgiu a necessidade de ampliar a pesquisa realizada com as mulheres da Rádio Federal FM para as demais rádios da cidade de Pelotas tendo como objetivo principal o estudo dos espaços ocupados por estas mulheres, as dificuldades sofridas e o papel delas dentro dos veículos de comunicação. Nos registros do Diário de Campo que está sendo constituído, apenas mais quatorze mulheres foram lembradas, além das trabalhadoras da Rádio Federal FM.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se enquadra no âmbito da História do Tempo Presente, tendo em vista o recorte temporal e o objeto de análise que inicia em 1925 com a fundação da Rádio Pelotense na cidade de Pelotas e se estende até 2019.

O estudo utiliza como metodologia principal a História Oral, de forma a buscar a história das rádios e de suas trabalhadoras, as experiências vivenciadas pelas mulheres que trabalharam nestas rádios são de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa. A História Oral é:

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. (ALBERTI, 1989, p. 52).

Desta forma, torna-se imprescindível entrevistar as trabalhadoras identificadas na pesquisa, além de serem construídas narrativas com familiares de trabalhadoras falecidas. Como apoio, poderão ser consideradas entrevistas com profissionais e diretores das rádios.

Alberti (2004, p. 30) pondera que “se o emprego da história oral significa voltar a atenção para as versões dos entrevistados, isso não quer dizer que se possa prescindir de consultar as fontes já existentes sobre o tema escolhido”. Assim, faz-se necessário, como apoio, a análise das fontes documentais das emissoras ou conservadas em acervos pessoais. Para a análise documental se utilizará como suporte, prioritariamente, André Cellard, para quem:

A qualidade e a validade de uma pesquisa resultam, por sua vez, em boa parte das preocupações de ordem crítica tomada pelo pesquisador. De modo mais geral, é a qualidade da informação, a diversidade das fontes utilizadas, das corroborações, das intersecções que dão sua profundidade, sua riqueza e seu refinamento a uma análise. (CELLARD, 2008, p. 305).

Os jornais Diário Popular e Diário da Manhã também poderão contribuir com informações relevantes sobre as radialistas e o ambiente que estavam inseridas. De Luca (2015) discorre sobre uma hierarquia de qualidade dos documentos estabelecida na década de 1970, na qual os jornais eram tidos como inadequados para a pesquisa histórica por conterem fragmentos distorcidos sobre o evento ou fato. Nas décadas finais do século XX, com a 3ª geração dos Anales, a utilização da imprensa como fonte passou a ser considerada e utilizada pelos historiadores. Desta forma, a pesquisa utilizará os jornais como fonte complementar às narrativas, de modo a preencher as suas lacunas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres foram invisibilizadas por muito tempo sendo colocadas à margem dos principais acontecimentos do mundo. Esses aspectos refletiam o cotidiano hierarquizado que demonstrava uma superioridade do homem em relação à mulher (AREND, 2016).

Para Colling (2004), o problema não estava refletido nas diferenças e sim no modo como as relações eram hierarquizadas, mostrando a mulher como diferente e inferior ao homem. No mesmo sentido, Biroli (2018) discute a divisão sexual do trabalho pensando nas associações realizadas como trabalho de mulher, lugar de mulher e competência de mulher. Para a autora, as hierarquias de gênero, classe e raça são diretamente influenciadas por esta divisão que cria identidades, vantagens e desvantagens.

Ainda no século XX, havia funções destinadas exclusivamente ao público feminino que jamais colocavam a mulher em uma posição de competição com o homem, muito menos de autoridade sobre eles. Era comum que, geralmente, as mulheres exercessem as profissões de professora, enfermeira, secretária e telefonista e, muitas vezes, reproduziam suas funções na casa, como lavadeiras, costureiras, dentre outras.

A maioria dos empregos que elas ocupam são marcados pela persistência de um caráter doméstico e feminino: importância do corpo e das aparências; função das qualidades ditas femininas, dentre as quais as mais importantes são o devotamento, a prestimosidade, o sorriso etc. Pelo menos era o que ocorria até os anos 1980/1990 (PERROT, 2008, p.123).

Atualmente, as mulheres conseguiram ampliar a sua participação no mundo do trabalho. Contudo, há setores da comunicação em que a atuação feminina ainda é pouco explorada. A televisão abriu as portas para as comunicadoras, mas o universo radiofônico ainda é um ambiente predominantemente masculino, sobretudo, nas cidades do interior. Cabe ressaltar que, apesar da televisão ter um número maior de mulheres, poucas delas conseguem chegar a cargos de maior responsabilidade, como os de direção.

A pesquisa tem como objetivo verificar em que medida a linha editorial e os conteúdos das emissoras de rádio pelotenses influenciaram a inserção de mulheres em sua grade de programação. Em Pelotas, nos registros do Diário de Campo que está sendo constituído para esta pesquisa foram identificadas apenas quatorze radialistas mulheres que trabalharam nas rádios comerciais e educativas da cidade.

Em contrapartida, será pesquisada também uma rádio comunitária da cidade, a RadioCom, inaugurada em 1998. A emissora surge a partir da iniciativa de algumas pessoas e sindicatos de trabalhadores de Pelotas. Curiosamente, a rádio é a única que possui um programa feito exclusivamente por mulheres. Trata-se do programa Lua Sangrenta, produzido por um coletivo de mesmo nome, composto por mulheres do movimento feminista de Pelotas. Outro diferencial é o número de mulheres que emprestam as suas vozes à emissora: cerca de dez mulheres, quase o total de mulheres que trabalham ou trabalharam nas outras emissoras durante toda a história do rádio em Pelotas.

O projeto está em fase inicial e passa por ajustes devido à Pandemia da COVID-19, tendo em vista que a História Oral até então compreendia a realização de entrevistas de forma presencial. Desta forma, no primeiro semestre de 2020, foram realizadas diversas leituras para compor o referencial teórico da pesquisa e, atualmente, estamos buscando atualizações sobre a metodologia que, acompanhando todas as adaptações que estão ocorrendo em diversos aspectos da vida das pessoas e também nas rotinas acadêmicas e científicas, também estão sendo repensadas.

Estudos atuais já defendem a realização de entrevistas por meio remoto. Em artigo publicado recentemente, Santhiago & Magalhães (2020) apresentam quatro experiências de entrevistas remotas com resultado positivo. Os autores não aconselham a substituição indiscriminadamente, mas defendem a utilização das novas tecnologias especificamente para situações nas quais seria a única forma de concretizar a pesquisa, como neste momento de Pandemia, no qual o isolamento social se faz necessário.

4. CONCLUSÕES

Ser uma mulher radialista, apesar de certamente ser o sonho de muitas mulheres, torna-se um ideal de difícil acesso, tendo em vista o universo excludente em que a rádio está inserida. Contudo, atualmente, esse espaço está mais acessível. As mulheres ainda são minoria, mas é visível que a mulher vem ganhando espaço nos meios de comunicação e de forma mais lenta no rádio.



A busca das memórias do rádio pelotense e mais especificamente das mulheres radialistas, através da História Oral, possibilitará o acesso a fatos importantes para a análise da história das emissoras, da inserção da mulher neste ambiente prioritariamente masculino e, ainda, das relações de poder e das dificuldades geradas a partir delas, tanto nas rádios comerciais, educativas e comunitárias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. FGV Editora, 2004.

ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1989.

AREND, Silvia Fávero. Trabalho, Escola e Lazer. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2016.

BIROLI, **Gênero e Desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: M. N. Strey, S. T. L. Cabeda & D. R. Prehn (Orgs.). **Gênero e cultura**: questões contemporâneas (Coleção Gênero e Contemporaneidade, Vol. I, pp. 13-38), Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DE LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das Mulheres**. Tradução de Angela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTHIAGO, Ricardo; DE MAGALHÃES, Valéria Barbosa. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, v. 27, p. 1-18, 2020.